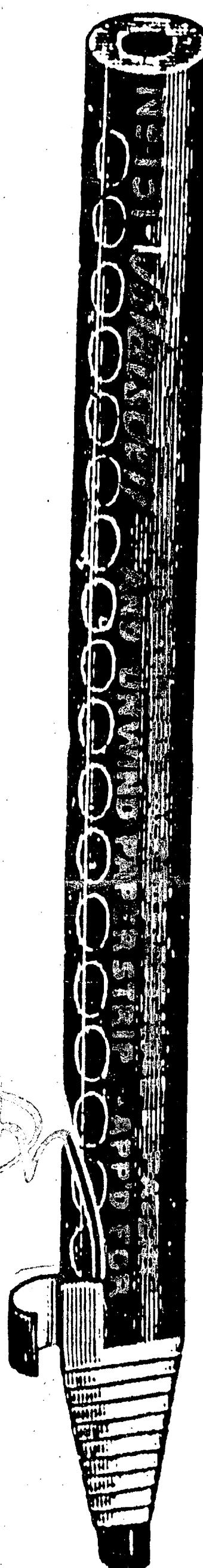


UM CURRÍCULO NACIONAL ÚNICO? DE NOVO? NÃO!

Cosete Ramos



O MEC acaba de lançar um Currículo Nacional Único.

Eu já vi este filme; foi na década de 70. Há 25 anos, em pleno regime militar, o MEC produziu um currículo nacional, semelhante, para todo o país.

Depois de tanto tempo, após tantas mudanças por que o Brasil e o mundo passaram, em pleno regime "dito" democrático, na era da globalização, eis que o MEC repete o mesmo feito.

Não consigo ver diferença entre o MEC de hoje e o MEC de ontem. Em termos da prática autoritária, eles são exatamente iguais: um currículo imposto de cima para baixo.

É o todo-poderoso MEC mandando na Educação Brasileira.

Trata-se de um pacote único, que todos os "desiguais" devem engolir "igualmente".

Só falta agora recuarmos 40 anos e, com base no que está determinado nesse pacote único, o MEC mandar provas e exames para verificar se os estudantes assimilaram os conteúdos definidos nos "Parâmetros Curriculares Nacionais".

Aí, sim, o filme *De volta ao Passado* estará completo. Que retrocesso!

Num país amplo, variado e diverso, como o Brasil, um currículo nacional único vem na contramão da história!

Se o Brasil é múltiplo, não precisa de um currículo único.

Se o Brasil é múltiplo, precisa de currículos múltiplos.

Para entrarmos no terceiro milênio, é preciso adotar novas idéias e soluções, coerentes com uma Sociedade do Conhecimento, que prima pela diversificação, heterogeneidade e desmassificação.

Esse tem sido o caminho trilhado por outros países preocupados com sua soberania e a autonomia de seu processo de desenvolvimento e que sabem ser a globalização compatível com identidades e perfis próprios de cultura.

Um currículo nacional único desvaloriza as comunidades brasileiras, ao transmitir uma mensagem cristalina de que elas não são capazes de traçar o seu próprio destino educacional.

A comunidade será apenas um receptáculo do currículo do MEC. Como se espera que uma comunidade venha a valorizar a educação, se ela não vê o currículo e nem a educação como seus?

Quando a educação resulta de um encontro e um diálogo entre pessoas livres e capazes de definir o próprio futuro, ela é considerada como um bem precioso, pois resultou do sonhar, do pensar e do querer da própria comunidade. A comunidade sente que é "dona" de sua educação.

Esta é a verdadeira Educação de Qualidade, democrática e participativa, resultante da parceria que se estabelece entre o mundo familiar, o mundo social, o mundo escolar e o mundo do trabalho e do lazer.

A Educação de Qualidade somente pode florescer no contexto de cada comunidade, em função de suas características e realidades.

A existência de uma Escola de Qualidade pressupõe liberdade e autonomia, principalmente educacional, para decidir, juntamente

com sua comunidade, o seu projeto pedagógico, visando a atender e satisfazer necessidades, interesses e expectativas de seus diferentes clientes.

Como decorrência, a concepção de currículo não é limitada às letras, palavras e frases impressas em um documento. Essa visão é estética, portanto, mortal e mortífera.

Um Currículo de Qualidade acontece mediante encontros de aprendizagem, provocadores do pensamento e reflexão, ou de centros dinâmicos de inquirição e investigação, ou ainda de temáticas de vida, globais e holísticas, que tenham significado para o estudante.

Em essência, um Currículo de Qualidade, sob medida para uma comunidade, é o resultado de uma pauta negociada pela escola com todos os seus clientes, em que a "voz" dos pais, dos alunos, dos representantes do mundo do trabalho e do mundo social é ouvida e considerada.

Este currículo nacional único vem, novamente, com o velho e desgastado modelo que divide e segmenta os conteúdos por disciplinas.

Isto, a literatura pedagógica moderna chama de triunfo da abordagem da "linha de produção" na aprendizagem: o estímulo à "decorba de conteúdos", por disciplina, conforme especificado na grade (prisão) curricular. É o triunfo de um modelo industrial centralizado, fragmentado e massificado.

É lamentável verificar que todos os professores de matemática brasileiros ficam obrigados a executar o que foi determinado por três colegas seus, por mais ilustres e "iluminados" que sejam.

A desvalorização do professor não acontece só como decorrência do salário aviltante que recebe, na maioria das localidades do país.

A desvalorização do professor acontece, principalmente, quando é tirado dele o direito de envolver-se na concepção da educação que será oferecida aos seus alunos — de participar ativamente da definição do que o estudante irá aprender e do que, em decorrência, ele irá ensinar.

Esta última forma de desvalorização é mais cruel, pois, além de tirar o poder sobre o seu trabalho do dia-a-dia, diminui o educador perante os educandos.

Um currículo nacional único humilha os professores brasileiros, ao transmitir uma mensagem cristalina de que não são capazes de traçar a educação a ser oferecida a seus alunos.

Que momento histórico precioso o Brasil está perdendo de crescimento educacional de suas comunidades, de seus professores e de mais profissionais da escola!

Como gostaria de ver um outro filme — *De Frente para o Futuro* —, no qual o MEC fosse o líder, o induzidor de um movimento autêntico e profundo de repensar a Educação Brasileira. O MEC desafiando cada comunidade escolar do país a tomar o destino em suas mãos, de forma livre, autônoma e soberana, e a decidir o seu próprio projeto educacional.